



A ÉTICA DO PENSAMENTO ESTÓICO NAS EPÍSTOLAS SENEQUIANAS

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3626

Mariana Marchi Malacrida, UEM
Renata Lopes Biazotto Venturini, UEM

Resumo

A proposta desta comunicação será apresentar as contribuições filosóficas de caráter moral do filósofo Lúcio Aneu Sêneca, como objetivo de analisar a influência da ética presente no Estoicismo que norteou as ações do homem romano durante o século I d.C. A partir das leituras e seleção das cartas endereçadas a seu discípulo e amigo Gaio Lucílio Junior, na obra intitulada *Cartas a Lucílio*, podemos identificar exortações em que são apresentados conceitos que direcionam a busca da virtude e do bem moral. Elas evidenciam a importância de uma vivência de acordo com a natureza e ao combate das paixões para a formação de um espírito virtuoso. Como representante da filosofia estoíca, Sêneca defende como esses valores, transformados em atitudes concretas são essenciais e contribuem para a formação do homem em busca do Soberano Bem, que é ensinamento.

Palavras Chave:

Sêneca; Estoicismo;
Principado Romano;
Virtude.

Introdução/ Justificativa

A presente comunicação estará voltada para uma análise da influência do pensamento filosófico estóico na formação do homem romano, para a sua atuação como cidadão. O processo de formação do homem romano está inserido nas práticas educativas do período histórico em que são produzidas. A prática da educação é o princípio por meio do qual uma sociedade conserva e transmite sua compreensão do mundo. A estrutura social está alicerçada em leis e normas, escritas ou não escritas, que se unem e unem os seus membros. Toda a educação é resultado da consciência da existência de uma norma que rege uma comunidade humana. A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, pois o desenvolvimento social depende do reconhecimento dos valores que regem a vida humana. Assim, a educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores reconhecidos no contexto histórico em que foram produzidos e conhecidos.

As etapas que serão apresentadas nesta comunicação estão direcionadas para uma análise e compreensão das características sociais, políticas, econômicas do principado romano. Para isso será necessário levar em consideração os alcances que evidenciam os espaços das cidades, lugar onde as relações entre os indivíduos aconteciam. Essa sociedade era marcada por uma forte verticalidade e pelo papel da *nobilitas*, onde a aristocracia assegurava um o monopólio dos poderes e prestígios.

O pensamento de Sêneca tem suas bases no Estoicismo, compreender esta filosofia revela-se também uma das metodologias a ser desenvolvida. Entender as suas bases e princípios fundamentais leva a um maior entendimento do homem romano e das questões de ordem moral e filosófica na

sociedade que ele está inserido.

O estudo e leitura das Cartas de Lúcio Aneu Sêneca ao seu discípulo Gaio Lucílio Júnior, intitulada *Cartas a Lucílio* (2014), constitui-se do maior objetivo deste trabalho, procurando extrair o significado substancial das cartas, as exortações e intenções que elas pretendem atingir. Juntamente com esse entendimento se faz necessário compreender as características que envolvem sua constituição e as motivações que levaram o filósofo para a produção epistolar, bem como a posição que ele ocupava no mundo romano.

A escolha por Sêneca se justifica no fato do filósofo não só detectar os problemas nesta sociedade, mas também ofereceu soluções de mudanças começando pelas ações práticas do homem.

Neste sentido, a própria leitura das Cartas revela ser uma fonte viva para o conhecimento da vida e civilização romana, permite a análise histórica e social do lugar e espaço que o autor está inserido e produz com determinada utilidade teórica e prática. Sendo possível também dialogar com as leituras selecionadas que compõem o corpus deste trabalho, a partir de autores contemporâneos ou não a este período, mas que contribuem para um amplo campo de investigação histórica, principalmente no que diz respeito às características do principado romano e ao próprio homem romano. A obra de Sêneca é composta de um total de 124 cartas que serão estudadas pela divisão dos seus livros, que remetem a diversos assuntos da vida cotidiana e termos sociais e políticos da época.

Objetivos

O principal objetivo está em demonstrar a influência do pensamento filosófico estóico na formação do homem romano. Neste sentido, será estudado em que medida a ética e a moral proposta

pelo Estoicismo se transforma numa prática educativa para o cidadão romano do século I d.C.

Os objetivos específicos encontram-se na leitura e análise das Cartas de Lúcio Aneu Sêneca endereçadas ao seu discípulo e amigo Gaio Lucílio Júnior, com a pretensão de alcançar a identificação e entendimento das exortações que melhor contribuem para a formação do cidadão romano. As epístolas de Sêneca cumprem uma função pedagógica que deve ser entendida no interior do estoicismo, ao identificar os valores de virtude e dos comportamentos adequados veremos como é dado o direcionamento ao homem para um afastamento das paixões e assim alcançar um espírito virtuoso, levando a um aperfeiçoamento do homem para si mesmo e desta forma para a humanidade.

Resultados

O fim da República não marcou e significou um período de grandes mudanças, podemos entender que houve uma preservação das instituições republicanas que agora estava sob a direção de um príncipe. Neste sentido o Principado representou uma nova estrutura política que respondia a uma nova situação, fundado em bases sólidas o Império Romano colocou fim à guerra civil conseguindo manter posições sociais elevadas para os senadores e contar com o apoio dos cavaleiros que agora podiam participar da administração imperial.

Lembramos que o processo de conquista significou não somente a expansão territorial com a difusão do trabalho escravo e da grande propriedade, mas também a extensão da cidadania fora de Roma, a partir do século I A.C. Os habitantes do mundo romano estavam unidos por um laço jurídico concedido pelo imperador, a cidadania romana, que se apresentava como uma condição social e, quando associada à fortuna pessoal e ao favor imperial, permitia a ascensão na carreira pública - *cursus honorum* -, através

da integração na ordem senatorial ou na ordem eqüestre. Sendo assim, a ampla extensão da cidadania possibilitou a manutenção e o reforço da unidade do Império, bem como provocou mudanças nas formas de acesso a carreira das honras com a intervenção direta do imperador na vida política.

A cidade era o espaço onde se davam as relações entre os indivíduos, existiam laços entre os ricos que recebiam apoio político e os pobres que recebiam em troca vantagens materiais. Ela teve grande importância no processo de construção do Império, foi a base do plano político, econômico, social, religioso e cultural, pois era um centro de “romanidade”, sempre difundindo esses valores aos territórios conquistados. Assim, a concessão do direito de cidadania estava ligada à romanização, como uma espécie de benefício ao cidadão e a cidade que se inserisse na ordem romana. O poder em Roma era evidenciado nesses espaços públicos, com uma construção material e simbólica, significando também o desenvolvimento de uma vida coletiva entre os cidadãos.

Lucius Anaeu Sêneca, nascido nos tempos do principado não pode ser separado deste contexto, inclusive porque este participou ativamente da política romana durante o governo de Nero (54-68 d.C.), que apresentou em oposição ao modelo do *princeps* augustano, provoca em Sêneca, como preceptor do imperador, a busca por um modelo de soberano ideal. Neste período a ética romana bem como os princípios que deveriam nortear a formação do homem romano mostra visivelmente a influência do pensamento filosófico estoico, estabelecendo uma intenção capaz de modificar visivelmente a sua ética. Segundo Pierre Grimal (1981) “os romanos conheceram e praticaram alternadamente as virtudes e os vícios”, assim como Sêneca o autor também analisa a sociedade marcada por uma profunda ausência de valores morais e

objetivos superiores para a existência, praticavam excessos de toda natureza e uma obediência excessiva as paixões, assim como uma busca desmedida para os bens materiais.

O Estoicismo era a filosofia que se disseminou por todo o mundo helenístico e por todo o Império Romano. As contribuições de Brad Inwod (2006) informam que a datação revela-se desde os primórdios no século IV a.C., com Zenon de Cício, Cleantes e Crisipo, passando pelas inovações de Panécio e Posidônio e culminando com as obras de Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio. Um sistema tripartido em lógica, física e moral. A escola no período imperial romano tem como tema predominante a ética, a parte da filosofia que estuda as tendências, dos bens e dos males, do primeiro valor, das condutas convenientes, dos encorajamentos e das dissuasões. O primeiro “mandamento” do estoicismo é: *viver bem é viver de acordo com a natureza* (BRUN, 1986). Assim, o homem mantém a harmonia com o universo e se debruça em aproximar-se o máximo possível do soberano bem, apenas o sábio busca a virtude e dele se aproxima. O Estoicismo advoga a virtude como a presença do bem em uma pessoa. O sábio estóico é aquele que procura a virtude moderando as paixões, entendidas como um movimento irracional da alma, e vivendo segundo a razão. Desta forma existe assim um lugar para uma espécie de virtude humana, que não é saber absoluto, mas sim uma prudência e reflexão racional. A prudência seria fazer todos os possíveis para atingir o fim conforme a natureza que nos propomos. Desta forma pode-se observar o nascimento de uma parte da filosofia que consistia em aconselhar e exortar, permitindo um aspecto mais popular e não mais inacessível.

As obras do período consistiam em exercícios de moralização prática, encontrando em Sêneca um de seus maiores representantes que conheceu e

interagiu de perto com as ferramentas do poder que moviam a sociedade romana de sua época.

As *Epistulae Morales ad Lucilium*, cronologicamente é a produção da última fase da vida de Sêneca, refletindo a forma mais amadurecida de seu pensamento, não podem ser consideradas um artifício meramente literário e nem mesmo uma obra exclusivamente filosófica. Elas consistem uma correspondência real entre dois amigos e quase na totalidade dos casos, são desenvolvidas diversas questões de índole filosófica, pode ser considerada também uma soma de reflexões de caráter ético, constituindo uma análise de situações concretas e de apreciações sobre a natureza e o comportamento humano.

Sêneca encontrou em Lucílio um modelo de transformação possível e através de uma forma gradual aproxima o amigo e discípulo da escola estóica. Nascido na cidade de Pompeios na Campânia, Gaio Lucílio Junior, socialmente pertencia à classe dos cavaleiros, personagem de certo destaque na sociedade romana deve a sua imortalidade e tudo o que sabemos sobre ele pelas contribuições de Sêneca que é convencido por ele a não deixar-se entregar e enredar nas malhas dos compromissos sociais e políticos, pelo contrário, seguir o exemplo dele de se entregar a contemplação filosófica, “Prepara-te para uma alegria ainda maior quando te despojares do espírito pueril e, graças à filosofia, entrares no círculo dos homens” (SÊNECA, *Ep.* 4. 2. 2014, p. 7).

As cartas são textos de direção espiritual, exercícios de meditação não meramente teóricos, mas quando é necessário ele não se esquivava em discutir. A teoria sempre interessou o filósofo se ela fosse possível de ser colocada em prática para ser interiorizada e capaz de moldar de forma indelével a conduta do homem. Desta forma a ligação dos conteúdos teóricos com a prática está sempre presentes nos ensinamentos,

permitindo alguma exortação que pede para que o destinatário adote uma ou outra postura adotando sempre os princípios do Estoicismo.

A exortação básica que encontramos na maioria das cartas é “seguir a natureza”, não em seu sentido biológico inferior, que remete ao campo das paixões em seguir os desejos, mas sim no seu sentido superior, que constitui a razão como o bem mais supremo do homem e que separa os homens dos outros animais.

A razão é para Sêneca e para os estóicos, o supremo juiz do bem e do mal, uma imitação da natureza e perfeita em si mesma. Ela é considerada ainda “uma parcela do espírito divino inserida no corpo do homem” (SÊNECA, *Ep.* 66. 2014, p.240).

A atualização desta razão é a virtude, que identificando-se com a razão e a natureza completam para Sêneca os elementos básicos, compreendendo desta forma que a natureza tem em específico o ser dotado de razão. A razão existe potencialmente em cada ser humano e esta atualiza-se como virtude. Dessa forma, para o homem, seguir a natureza será viver segundo a razão e assim praticando a virtude.

“A virtude subdivide-se em quatro aspectos: refrear os desejos, dominar o medo, tomar as decisões adequadas, dar a cada um o que lhe é devido. Concebemos assim a noção de temperança, de coragem, de prudência e de justiça, cada qual comportando os seus deveres específicos. A partir de que, então, concebemos nós virtude? O que no-la revela é a ordem por ela própria estabelecida, o decoro, a firmeza de princípios, a total harmonia de seus actos, a grandeza que ela revela acima de todas as contingências. A partir daqui concebemos o ideal de uma vida feliz, fluindo segundo um curso inalterável, com total domínio de si mesma. ”.(SÊNECA, *Ep.* 120, 11-

12. 2014, p. 673).

É no conjunto de virtudes que Sêneca apresenta e na figura de Lucílio que encontramos os direcionamentos de ordem moral e filosófica que contribuem e influenciam a formação do homem romano. Como um homem que escreveu em seu tempo, Sêneca está sempre fazendo críticas à sociedade romana e alerta sobre os perigos que ela oferece a formação do homem.

“É-nos prejudicial o convívio com muita gente: não há ninguém que nos não pegue qualquer vício, nos contagie, nos contamine sem nós darmos por isso. Por isso, quanto maior é a massa a que nos juntarmos, tanto maior é o perigo. E nada há de tão nocivo aos bons costumes como ficar a assistir a algum espetáculo, pois é pela via do prazer que os vícios se nos insinuam mais facilmente”.(SÊNECA, *Ep.* 7, 2. 2014. p. 15).

As condutas convenientes que o filósofo está sempre oferecendo ao seu discípulo fazem parte de um bloco de virtudes que ele admite não se preocupar com a hierarquização de uma ser mais fundamental que a outra, mas tem a intenção de levar o discípulo a prática da virtude, tendo sempre em consideração o valor real do ensino e não o luxo intelectual da informação.

“Na realidade são diversas as suas aparências, conforme a variedade de situações e acções que a vida nos apresenta: mas a virtude em si não é maior nem menor. De facto, nem o supremo bem pode sofrer decréscimo, nem a virtude pode recuar um passo, pode, isso sim, é manifestar-se sob forma de diversas qualidades adequadas as circunstâncias em que vai actuar. (...) As virtudes humanas, contudo, medem-se por um único critério, e esse critério é a razão, que em si mesma é perfeita e livre de contingências”. (SÊNECA, *Ep.* 66,

7-8, 11. 2014, p. 238-239.)

A busca do bem moral, que para o estoicismo e para o filósofo é dotado de uma severidade sem complacências, tornando-o assim extremamente a difícil a sua realização. É um ideal que em épocas e personagens históricos diferentes irá constituir como uma defesa contra os condicionalismos exteriores. E Sêneca tendo detectado os problemas e as crises de valores morais existentes no Império, fornece soluções de caráter filosófico e possíveis de aplicação para uma mudança, fazendo sempre da razão um ato. Neste sentido o bem moral que é ao mesmo tempo o soberano bem vem transformar-se em uma busca e um caminho a ser percorrido no aperfeiçoamento da virtude, ele se transforma em ensinamento.

“Os verdadeiros bens, esses, devem estar ao abrigo da censura; são puros, não corrompem a alma, não a enchem de inquietação. Exaltam a alma, sim, elevam-na, mas sem vaidades. Os bens dão-nos confiança, a riqueza só nos dá audácia; os bens dão-nos grandeza de alma, a riqueza dá-nos insolência. E a insolência não passa de uma falsa aparência de grandeza”. (SÊNeca, Ep. 87, 32-33. 2014. p. 412).

Assim como os antigos, Sêneca é definitivo ao dizer que o homem é bom ou mau, mas ao contrário deles, admite gradações entre esses dois extremos, porque analisa que o homem usando a razão tem a possibilidade de tender para a bondade e aproximar-se o máximo possível do tipo ideal do sábio, através do reconhecimento dos valores da filosofia e colocando-os em prática. Enfatizando que:

“A filosofia não é uma habilidade para exibir em público, não se destina a servir de espetáculo, a filosofia não consiste em palavras, mas em ações. O seu fim não consiste em fazer-nos passar o

tempo com alguma distração, nem em libertar o ócio do tédio. O objetivo da filosofia consiste em dar forma e estrutura a nossa alma, em ensinar-nos um rumo na vida, em orientar os nossos actos, em apontar-nos o que devemos fazer ou por de lado, em sentar-se ao leme e fixar a rota de quem flutua a deriva entre escolhos. (...) Qualquer que seja, caro Lucílio, o valor desses argumentos, e mesmo que todos sejam válidos, devemos praticar a filosofia”. (SÊNeca, Ep. 16, 3-5. 2014, p. 55.)

As discussões refletem que desta forma Lucílio não se deixaria levar pelas amarras dos condicionalismos públicos e sim agir como um verdadeiro sábio de acordo com a ética presente no estoicismo e a busca de uma vivência prática da filosofia.

Considerações finais

A base de todo o pensamento senequiano situa-se na esfera da moral, a partir deste ponto o filósofo exprime sobre os valores da atividade intelectual e sobre a investigação científica do homem em sociedade. Os fins últimos de todos os seus direcionamentos ao homem romano são a serenidade de espírito e a tranquilidade da alma que permite a independência em relação aos constrangimentos sociais.

Desta forma Sêneca está todo momento negando o valor da ação política aconselhando o amigo e discípulo a renunciar a carreira pública, pois com a sua participação no governo de Nero constatou que as realidades do poder e o idealismo da filosofia não são conciliáveis, esclarecendo que o sábio só deve participar da vida política se o puder fazer dentro da maior dignidade.

O estoicismo age assim como um regulador das ações e práticas humanas na sociedade romana, faz parte de uma ética, uma maneira de comportamento no agir do cidadão. O

traço mais original na obra de Sêneca está na insistência de que a filosofia é possível de ser praticada e não ser somente uma acumulação de conhecimento desprovido de valor moral. É neste sentido que o discípulo Lucílio representa ao longo do corpus epistolar esse modelo de transformação e conversão possíveis de mudança.

Referências

- ALCALÁ, Antonio Torres. El Estoicismo senquista de Don Enrique de Villena. *Persée*, v.86, n.1, pp.26-28, 1984.
- ALFOLDY, G. *História social de Roma*. Lisboa: Presença, 1989.
- ANGEL, Jean-Marie e PALANQUE, Jean-Rémy. *O império romano*. São Paulo: Atlas, 1978.
- BRAREN, INGEBORG. Por que Sêneca escreveu epístolas? *Letras Clássicas*, n.3, p.39-44, 1999.
- BRUN, J. *O Estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.
- CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2002.
- DINUCCI, Aldo Lopes. Epicteto: diatribes I. 7 e II.25 – relação entre a lógica e as ações convenientes. *Clássica*, v.28, n.1, 2015.
- EHRHARDT, Marcos Luís. Vir virtutis: A construção da imagem do príncipe perfeito nos escritos de Lúcio Sêneca (Roma – primeiro século da era cristã). *Revista Plêiade*, v.1, n.1, 2007.
- FAVERSANI, Fábio e JOLY, Fábio Duarte (org.). *As formas do Império Romano*. Mariana (MG): UFOP, 2014.
- FAVERSANI, Fábio. *Estado e Sociedade no Alto Império Romano: um estudo das obras de Sêneca*. Ouro Preto: EDUFOP/PPGHIS, 2012.
- FAVERSANI, Fábio. Os pobres em Sêneca. Universidade Federal de Ouro Preto. *Dimensões*, v.23, 2009.
- FINLEY, M. *A Política no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- FLORENZANO, Maria Beatriz B. *O Mundo Antigo: economia e sociedade*. São Paulo: Editora brasiliense, 1987.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Antiguidade Clássica: a história e a cultura a partir dos documentos*. Campinas: UNICAMP, 2002.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2011.
- GAZOLLA, Rachel. Representação compreensiva: critério de verdade e virtude no estoicismo antigo. *Clássica*, v.19, n.2, 2006.
- GIARDINA, A. (org.) *O Homem Romano*. Lisboa: Editorial Presença, 1992.
- GONÇALVES, Claudiomar dos Reis. Classe e cultura no alto império romano: os libertos de Paul Veyne. *Boletim do CAP*, Campinas, n.5/6, jan./dez. 1998.
- GRIMAL, Pierre. *A vida em Roma na antiguidade*. Publicações Europa-América, 1981.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Lisboa: Edições 70, 1999.
- HARVEY, Paul. *Dicionário Oxford de literatura clássica*. Grega e latina. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- INWOD, Brad. Os estoicos. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- LOHNER, José Eduardo dos Santos. Variedade de gêneros e teatralidade nos dramas de Sêneca. *Clássica*, v.24, n.1/2, 2011.
- MELO, José Joaquim Pereira. A concepção de homem em Sêneca. *Acta Scientiarum Humam and Social*, Maringá, v.31, n.1, 2009.
- OMENA, Luciane Munhoz de. e CARVALHO, Margarida Maria de. Morte e gênero em Sêneca: um diálogo com os vestígios da cultura material. *Clássica*, v.27, n.1, 2014.
- PINSK, Jaime & PINSK, Carla B. (org.). *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PIRATELI, Marcelo Augusto e MELO, José Joaquim Pereira. A morte no pensamento de Lúcio Aneu Sêneca. *Acta Scientiarum Humam and Social*, Maringá, v.28, n.1, p.63-71, 2006.
- RICOEUR, Paul. A representação historiadora. In: RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François et. Al.. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- SENECA, Lúcio Aneu. *Cartas a Lucílio*. Trad. J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.
- SILVA, Gilvan Ventura e MENDES, Norma Musco. *Repensando o império romano*. Vitória, ES: EDUFES, 2006.
- SILVA, Paulo José Carvalho da. O ideal da consolação e a paixão pela morte. *Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental*. Ano X, n.1, 2007.
- VENTURINI, Renata Lopes Biazotto (org.). *História Antiga I: Fontes e Métodos*. Maringá: EDUEM, 2010.

VENTURINI, Renata Lopes Biazotto.
Estoicismo e imperium: a virtus do homem político romano. *Acta Scientiarum Humam and Social*, Maringá, v.33, n.2, 2011.

VEYNE, P. *A Sociedade Romana*. Lisboa: Edições 70, 1990.

VEYNE, P. *O inventário das diferenças*. São Paulo:

Brasiliense, 1983.

VEYNE, Paul. O Império Romano. In: DUBY, G. e ARIES, P.(org.). *Do império romano ao ano mil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

VICENTE, José João Neves Barbosa. Reflexão sobre a idéia da felicidade em Sêneca. *Revista Espaço Acadêmico*, v.14. n.158, 2014.